



# Ever Archive:

The Public-  
ations and Public-  
ation Projects of Hans-  
Ulrich Obrist

## **EXPOSIÇÃO** **EXHIBITION**

A exposição é organizada pela Fundação de Serralves, sob a direção de Philippe Vergne, Diretor, e Sónia Oliveira, Coordenadora da Biblioteca.

Concebida e comissariada pelo artista Joseph Grigely, com o apoio de Rachel Wang e Tess Davey, do assistente de Obrist, Max Shackleton, e de outros membros da equipa do Hans Ulrich Obrist Publication Archive.

This exhibition is organised by the Serralves Foundation, under the direction of Philippe Vergne, Director, and Sónia Oliveira, Library Coordinator.

Conceived and curated by the artist Joseph Grigely, with the support of Rachel Wang and Tess Davey, Obrist's assistant Max Shackleton, and other members of the Hans Ulrich Obrist Publication Archive team.

## **AGRADECIMENTOS** **ACKNOWLEDGEMENTS**

Creative Capital / Warhol Foundation; The School of the Art Institute of Chicago; agnès b., Paris; museum in progress, Viena; Heni Artists Agency, Londres London; Galerie Air de Paris, Paris  
Anthony Elms  
Amy Vogel  
Pierre von Ow  
William Massey  
Kaspar Mühlemann Hartl  
Joshua Wildigg  
Amy Kisner  
Andrew Heyward  
Pierre Leguillon  
Carrie Pilto

Esta exposição contou com o generoso apoio de "fonds de dotation agnès b."

Agradecemos particularmente a Hans Ulrich Obrist pelo contínuo apoio a este projeto.

This exhibition has received the generous support of "fonds de dotation agnès b."

We are especially grateful to Hans Ulrich Obrist for his continuing support for this project.

## **ARQUIVO PERPÉTUO** **AS PUBLICAÇÕES E OS PROJETOS** **EDITORIAIS DE HANS ULRICH OBRIST**

Por Joseph Grigely

*Arquivo perpétuo: As publicações e os projetos editoriais de Hans Ulrich Obrist* é uma exposição dedicada ao arquivo de publicações, sediado em Chicago, do curador Hans Ulrich Obrist, que atualmente é diretor artístico das Serpentine Galleries, em Londres.

Desde a sua primeira mostra em 1991, *The Kitchen Show*, no seu apartamento em St. Gallen, Suíça, Obrist fez a curadoria de mais de 400 exposições e entrevistou mais de mil personalidades: artistas, cientistas, cineastas, historiadores. Desta prolífica atividade resultou a produção de milhares de publicações e documentos, incluindo ensaios, livros, transcrições, documentação efêmera de exposições e exposições apresentadas sob a forma de publicações, assim como desenhos, fotografias e documentos em vídeo. Durante mais de vinte anos trabalhei com Obrist para recolher e arquivar esses documentos. *Arquivo perpétuo* é a primeira exposição museológica deste trabalho.

O tema abrangente desta exposição inclui a análise dos documentos de um arquivo enquanto nós de uma rede de relações humanas. Neste sentido, um arquivo não é uma mera recolção de documentos ou uma inventariação da história da sua publicação, mas sim um conjunto de informação que sublinha as pessoas, as ideias e os projetos culturais que contribuíram para a sua materialização. Arquivos são essencialmente conhecimento latente: fornecem, a cada geração subsequente, respostas para perguntas que ainda não foram formuladas. *Arquivo perpétuo* constituiu-se como uma forma de mostrar como os materiais do arquivo refletem a prática curatorial de Obrist, que consiste em criar ligações entre pessoas, disciplinas, espaços de exposição e continentes – uma prática sustentada de hifenização cultural.

## **A HISTÓRIA DO ARQUIVO**

Conheci Obrist em Nova Iorque no outono de 1995, quando a curadora Lynn Gumpert nos apresentou. Pouco depois, trabalhamos juntos em várias exposições e publicações: *Migrateurs*, em 1996, e *Point d'ironie*, em 1997, entre outras. Muitos dos projetos de publicação de Obrist apresentavam-se não como catálogos convencionais, mas como projetos híbridos que eram simultaneamente publicações e exposições. Em 1997, pedi a Obrist que me enviasse todos os seus projetos de publicação assim que fossem lançados, para serem arquivados como uma coleção e uma biblioteca abertas. O objetivo era inverter os papéis, onde eu seria o curador do curador.

De uma perspetiva erudita, o arquivo de Obrist apresentou uma série de desafios bibliográficos. Os modelos bibliográficos existentes estavam mal equipados para lidar com as complexidades das publicações que evitavam a categorização e que refizeram propositalmente as convenções da prática curatorial e museológica. Não há taxonomias claras no mundo de Obrist: é um mundo de emaranhados, com disciplinas, géneros, pessoas e exposições que se afastam dos papéis esperados. Isso é especialmente verdadeiro para as intervenções de publicação de Obrist no *Der Standard* e exposições que foram desenvolvidas como publicações (como *Point d'ironie*). A procura de uma estrutura crítica para o arquivo levantou algumas questões críticas. Em 2009, escrevi um ensaio sobre o que chamei "as próteses de uma exposição": elementos efêmeros como folhetos, comunicados de imprensa, cartazes e outros elementos impressos que levam a exposição aonde a própria exposição não vai. Essa definição alargada foi a base para uma conversa e discussão que tive com Obrist e com o designer Zak Kyes na Architectural Association, em Londres, em 2009, e que foi publicada pela Sternberg e pela Bedford Press no ano seguinte. Entretanto, as caixas com publicações que Obrist enviava de Londres continuavam a empilhar-se.

Em 2014 ocorreram três acontecimentos importantes, que recentraram a trajetória do arquivo. Na primavera, exibiu *The Gregory Battcock Archive* como parte da Whitney Biennial. Há mais de dez anos em elaboração, a instalação apresentava o arquivo do falecido crítico de arte Gregory Battcock, configurando-o como uma grade modular irregular: o arquivo como uma escultura. Tal como *Arquivo perpétuo*, *The Gregory Battcock Archive* foi um esforço para combinar uma perspectiva erudita e arte de forma a criar alguma coisa que fosse ao mesmo tempo erudição e arte, sem ser exclusivamente uma ou outra. O segundo acontecimento envolveu duas visitas que fiz em 2014 ao apartamento de Obrist no n.º 1, Schumannstrasse, em Berlim, em frente ao hospital Charité. O “arquivo de Berlim”, como era conhecido, continha a maioria dos livros de Obrist que foram objeto do projeto *Interarchive* na Universidade de Lüneburg e que haviam sido enviados para Berlim em 1999. Trabalhando na cozinha do apartamento e no quarto de um hotel próximo, fiz centenas de digitalizações de documentos: diapositivos, livros, comunicados de imprensa e elementos efêmeros, e também recolhi uma seleção de documentos com vista a uma exposição posterior e que fazem parte de *Arquivo perpétuo*. O arquivo de Berlim foi posteriormente enviado para a Fundação LUMA em Arles, onde agora está instalado.

O terceiro acontecimento foi no verão de 2014, quando mudei o arquivo de publicações do estúdio para o átrio do meu gabinete, na School of the Art Institute de Chicago. Foram instaladas estantes especiais para o arquivo em MacLean 705, uma sala que usara anteriormente para exposições e instalações de arquivos (por Zak Kyes e Ben Kinmont). No outono de 2014, organizei aulas baseadas em projetos para abordar “The Hans Ulrich Obrist Archive”. Posteriormente, mais de cinquenta alunos participaram no desenvolvimento do arquivo: contribuíram compilando um guia de estilos para a bibliografia; indexaram documentos numa base de dados bibliográfica; produziram publicações, incluindo um Guia da Visita ao

Arquivo Hans Ulrich Obrist; criaram a identidade gráfica do arquivo, que aparece em vários elementos do quotidiano – lápis, blocos de notas, fita-cola. Os alunos também desenvolveram um site para documentar as suas atividades ([huobrist.org](http://huobrist.org)). Especialmente importante, e parte do *Arquivo perpétuo*, produziram mais de quinze exposições em vitrinas, baseadas nos materiais do arquivo, algumas das quais apresentam amostras representativas do arquivo, outras conceitualizam-no como arte.

## ESTRUTURA DA EXPOSIÇÃO

Em *Ways of Curating* (2014), Obrist escreveu: “Uma exposição tem de criar uma vida própria.” *Arquivo perpétuo* é uma exposição onde acontece exatamente isso: decorre ao longo de um período de oito meses, e em cada mês novos materiais são acrescentados à mostra, como uma série de capítulos que se vai desenvolvendo. A exposição sublinha as mostras e projetos de publicação de Obrist da década de 1990 que envolvem aspetos metamorfizantes da sua prática: espaços não convencionais (*The Kitchen Show, Migrateurs*), exposições em evolução e mudança (*Hotel Carlton Palace*), intervenções com publicações (*Museum in Progress / Der Standard*), intervenções expositivas (no Sir John Soane’s Museum, Londres, e na Casa Luis Barragán, Cidade do México), exposições em forma de publicações (*Point d’ironie*), exposições móveis (*Nanomuseum e Point d’ironie*) e exposições colaborativas que envolvem a articulação entre arte e ciência (*Laboratorium*, com Barbara Vanderlinden, e *Cities on the Move*, com Hou Hanru). Além disso, a exposição explora o interesse contínuo de Obrist em conversas e trocas – as entrevistas com artistas, músicos e cientistas, os seus encontros no Brutally Early Club e seu *Handwriting Project* no Instagram – tal como o papel que as conversas e as trocas desempenham na materialização da cultura.

Uma componente central da mostra é uma série de vitrinas que examinam não apenas a arquitetura histórica da vitrina e sua relação com o gabinete de curiosidades, mas também

as possibilidades conceptuais que as vitrinas impõem através das suas restrições físicas. Estas exposições manifestam-se de várias formas: algumas baseiam-se em manuscritos (cartas de Douglas Gordon e caderno e desenhos de Obrist), outras em montagens temáticas compostas por publicações do arquivo (fugas, viagens e entrevistas), algumas exploram o processo de arquivo (caixas e rótulos como metadata), muitos consideram o potencial da vitrina como contenção e contendor (incluindo catálogos de exposições em caixas, envelopes e outros invólucros), e alguns abordam os desafios bibliográficos de um arquivo (OINs ou objetos impressos não identificados). A exposição também inclui uma história do próprio arquivo – um arquivo do arquivo – que documenta a forma como foi mudando ao longo do tempo relativamente ao contexto de ferramentas tecnológicas e conhecimento humano.

Um aspeto importante da exposição é a forma como explora o arquivo como um processo abstrato. Por mais que *Arquivo perpétuo* forneça uma amostra da obra de Obrist, também questiona, por meio de metáforas e outras representações, os diversos comportamentos de um arquivo: a sua fragilidade e instabilidade, a sua relação com outros arquivos, as suas várias histórias e lacunas históricas. Talvez mais importante, são frequentemente valorizados os microarquivos, tão subtis e aparentemente irrelevantes, onde um único documento, como a transcrição de uma entrevista, pode ter várias representações possíveis. A exposição inclui uma série de intervenções que oferecem metáforas visuais da prática de Obrist: uma escultura feita de livros, uma bandeira, um faisão empalhado, uma cama, uma escultura de caixas de banana. Essas configurações têm como objetivo abordar, metonimizar e expandir a formação de um arquivo.

## **O ARQUIVO MATERIAL E IMATERIAL**

*Arquivo perpétuo* também aborda as formas como um arquivo é preservado e divulgado. A prática curatorial de Obrist começou no início dos anos noventa, durante uma época

de comunicações e meios analógicos: cartas, faxes, notas manuscritas e diapositivos de 35 mm. À medida que a década de 1990 passava a 2000 e a comunicação digital se tornava mais comum, o arquivo evoluiu, especialmente no que diz respeito a trocas e entrevistas: o e-mail substituiu o fax e o vídeo digital substituiu as cassetes. Os documentos materiais restantes são tipicamente frágeis e inadequados para exposição à luz ultravioleta; e assim o processo de preparação do arquivo para exposição pública também significou refazer partes dele. Historicamente, isso era feito por meio de cópias analógicas: fotostáticas e cópias em microficha. As conversas manuscritas de Obrist para *Arquivo perpétuo* foram digitalizadas em alta resolução e reimpressas como fac-símiles usando tintas pigmentadas. Os faxes e diapositivos de 35 mm de Obrist foram tratados da mesma forma. As tiras transparentes de 120 mm de *Hotel Carlton Palace* foram originalmente cortadas em imagens únicas; todas foram digitalizadas, reconstruídas meticulosamente (incluindo com exposição em *bracketing*) e reimpressas num substrato moderno conhecido como Duraclear. Estas atividades compreendem o que chamo “o iceberg do arquivo”: são atividades que normalmente ocorrem fora da vista do público. A sustentabilidade dos arquivos depende muito de abordagens sempre em evolução para a conservação e as tecnologias de produção de imagens – ambas campos altamente especializados.

*Arquivo perpétuo* contém apenas uma pequena seleção de muitos milhares de documentos que compõem o arquivo de publicações de Obrist. Cada módulo é projetado para abordar o entrelaçar de documentos e das suas histórias: as pessoas, eventos e instituições que tiveram um papel na sua criação. Há poucas conclusões em tais exposições, de facto, o objetivo é demonstrar a impossibilidade de haver uma conclusão. Como Arlette Farge escreveu em *The Allure of the Archives*, “no final, não existe uma história simples ou uma história resolvida”. Em vez disso, há uma massa de fragmentos, detalhes e incidentes, cada publicação um momento no tempo que não fica parado para ninguém, muito menos para Obrist.



N.º1, Schumannstrasse, Berlin, dezembro 2014  
No.1, Schumannstrasse, Berlin, December 2014



Vista parcial do Hans Ulrich Obrist Publication Archive em MacLean 705, The School of the Art Institute of Chicago, primavera de 2020  
A partial view of the Hans Ulrich Obrist Publication Archive in MacLean 705, The School of the Art Institute of Chicago, Spring 2020

## **EVER ARCHIVE**

### **THE PUBLICATIONS AND PUBLICATION PROJECTS OF HANS ULRICH OBRIST**

By Joseph Grigely

*Ever Archive: The Publications and Publication Projects of Hans Ulrich Obrist* is an exhibition devoted to the Chicago-based publication archive of the curator Hans Ulrich Obrist, who is presently Artistic Director at Serpentine Galleries in London.

Since his first show in 1991, *The Kitchen Show*, organized at his apartment in St. Gallen, Switzerland, Obrist has curated over 400 exhibitions, and interviewed over 1,000 individuals: artists, scientists, filmmakers, historians. This prolific activity has resulted in an output of thousands of publications and documents, including essays, books, transcripts, exhibition ephemera, and exhibitions presented as publications, as well as drawings, photos, and video documentation. For over twenty years I have worked with Obrist to collect and archive these documents; the exhibition *Ever Archive* is the first museum exhibition of this work.

The overarching theme of *Ever Archive* involves exploring how the documents in an archive constitute nodes within a network of human relations. An archive in this respect is not merely a collection of documents or an enumeration of their publication history, but a diverse array of information that underscores the people, the ideas, and the cultural projects that contributed to their materialization. Archives are essentially latent knowledge: they provide, for each succeeding generation, answers to questions that have not yet been asked. *Ever Archive* evolved as a way to show how the materials of the archive reflect Obrist's curatorial practice of creating links between people, disciplines, venues, and continents – a sustained practice of cultural hyphenation.

## **THE HISTORY OF THE ARCHIVE**

Obrist and I first met in New York in the fall of 1995, when the curator Lynn Gumpert introduced us. Shortly afterwards we worked together on a number of exhibitions and publications: *Migrateurs* in 1996 and *Point d'ironie* in 1997 among them. Many of Obrist's publication projects presented themselves not as conventional catalogues, but as hybrid projects that were simultaneously publications and exhibitions. In 1997 I asked Obrist to send me all of his publication projects as they were issued, with the understanding that they would be archived as an open-ended collection and library. My goal was to reverse our roles, where I would curate the curator.

From a scholarly perspective Obrist's archive presented a number of bibliographical challenges. Existing bibliographical models were poorly equipped to deal with the complexities of publications that eschewed categorization, and which purposely remade conventions of curatorial and museum practice. There are no neat taxonomies in Obrist's world: it is a world of entanglements, with disciplines, genres, people and exhibitions departing from their expected roles. This is especially true for Obrist's publication interventions in *Der Standard*, and exhibitions that were developed as publications (such as *Point d'ironie*). The search for a critical framework for the archive lead to related critical inquiries. In 2009, I wrote an essay on what I called 'Exhibition Prosthetics': exhibition-related ephemera such as announcement cards, press releases, posters, and related printed media that function to take exhibitions where the exhibition itself does not go. This expanded definition was the basis for a talk and discussion I had with Obrist and the designer Zak Kyes at

the Architectural Association in London in 2009, and which was subsequently published by Sternberg and the Bedford Press the following year. Meanwhile, the boxes of publications Obrist sent from London continued to pile up.

Three important events occurred in 2014, which re-centered the trajectory of the archive. In the spring I exhibited *The Gregory Battcock Archive* as part of the Whitney Biennial. In progress for over ten years, the installation presented the archive of the deceased art critic Gregory Battcock, shaping it as an irregular modular grid: the archive as a sculpture. Like *Ever Archive*, *The Gregory Battcock Archive* was an effort to combine scholarship and art to create something that was both scholarship and art, without being exclusively the one or the other.

The second event involved two trips I made in 2014 to Obrist's flat at No. 1, Schumannstrasse in Berlin, across the street from the Charité hospital. The 'Berlin archive', as it was known, contained the majority of Obrist's books that had been the subject of the *Interarchive* project at the University of Lüneburg, and were shipped to Berlin in 1999. Working from the flat's kitchen and in a nearby hotel room, I made hundreds of scans of documents: slides, books, press releases and related ephemera, and also collected a selection of documents for subsequent exhibition, which appear in *Ever Archive*. The Berlin archive was later shipped to the LUMA Foundation in Arles, where it now resides.

The third event took place in the summer of 2014, when I moved the publication archive from my studio to my office atrium at the School of the Art Institute of Chicago. Special shelving for the archive was installed in MacLean 705, a room I previously used for exhibitions

and installations of archives (by Zak Kyes and Ben Kinmont). In the fall of 2014 I taught a project-based class 'The Hans Ulrich Obrist Archive'. Over fifty students have subsequently participated in this class: they have contributed to the archive by compiling a style guide for the bibliography; indexing documents in a bibliographical database; producing publications, including a *Visitor's Guide to the Hans Ulrich Obrist Archive*; they created for the archive graphic design identity, which appears in a number of the archive's daily tools – pencils, notepads, packing tape. The students also developed a website to document their activities (huobrist.org). Especially important, and reproduced as part of *Ever Archive*, they produced over fifteen vitrine exhibitions based on material in the archive, some of which present a cross-section of the archive, some of which conceptualize it as art.

## EXHIBITION STRUCTURE

In *Ways of Curating* (2014), Obrist wrote: 'Exhibitions should develop a life of their own.' *Ever Archive* is an exhibition that does exactly this: it takes place over a period of eight months, with new material added to the exhibition each month, as a series of twenty unfolding chapters, or modules. The exhibition emphasizes Obrist's shows and publication projects from the 1990s that engage metamorphizing aspects of his practice: unconventional spaces (*The Kitchen Show*, *Migrateurs*), evolving and changing exhibitions (*Hotel Carlton Palace*), publication interventions (museum in progress / *Der Standard*), exhibition interventions (in Sir John Soane's Museum, London, and the Luis Barragán House, Mexico City), exhibitions in the form of publications (*Point d'ironie*), mobile exhibitions (*Nanomuseum* and *Point d'ironie*), and collaborative exhibitions

that involve the interfolding of art and science (*Laboratorium*, with Barbara Vanderlinden, and *Cities on the Move*, with Hou Hanru). Additionally, the exhibition explores Obrist's ongoing interest in conversations and exchanges – his interviews with artists, musicians, and scientists, his Brutally Early Club gatherings, and his *Handwriting Project* on Instagram – as well as the role that conversational exchange plays in the materialization of culture.

A central component of the show is a series of vitrine exhibitions that examine not only the historical architecture of the vitrine and its relationship to the *Wunderkammer*, but also the conceptual possibilities that vitrines impose through their physical constraints. These exhibitions manifest in a variety of forms: some are based on manuscripts (letters from Douglas Gordon and Obrist's notebook and hotel drawings), others on thematic assemblages composed of publications from the archive (flight, travel and interviews), some explore the process of archiving (shipping boxes and labels as metadata), many consider the potential of the vitrine as containment and container (including boxed exhibition catalogues, envelopes, and related enclosures), and a few address the bibliographical challenges of an archive (UPOs, or unidentified printed objects). The exhibition also includes a history of the archive itself – an archive of the archive – documenting the ways it has changed over time in relation to the context of technological resources and human knowledge.

One important aspect of the exhibition is how it explores the archive as an abstract process. As much as *Ever Archive* provides a sampling of Obrist's oeuvre, it also questions, through metaphor and other representations, the many behaviors of an archive: its

fragility and instability, its relationship to other archives, as well as its various histories and historical gaps. Perhaps most important, there is a frequent consideration for microarchives, so subtle and seemingly irrelevant, where a single document, like an interview transcript, might have multiple possible renderings. The exhibition includes a series of interventions that offer visual metaphors of Obrist's practice: a sculpture made from books, a flag, a taxidermized pheasant, a bed, a sculpture of banana boxes. These configurations are intended to address, metonymize, and expand how an archive comes to be.

## THE MATERIAL AND IMMATERIAL ARCHIVE

*Ever Archive* is also about the ways an archive is preserved and disseminated. Obrist's curatorial practice began in the early 1990s, during a time of analog communications and media: letters, faxes, handwritten notes, and 35mm slides. As the 1990s turned to the 2000s and digital communication became more common, the archive evolved, especially with respect to exchanges and interviews: email replaced faxes, and digital video replaced cassette tapes. The remaining material documents are typically fragile, and unsuited for exposure to ultraviolet light; and so the process of preparing the archive for public display also meant remaking parts of it. Historically, this was done through analog copies: photostats and microfiche copies. For *Ever Archive* Obrist's handwritten conversations were scanned at high resolution and reprinted as facsimiles using pigmented inks. Obrist's faxes and 35mm slides were similarly treated. The 120mm transparency strips from *Hotel Carlton Palace* were originally cut up into single images; these were all

scanned, meticulously reconstructed (including bracketed exposures), and reprinted on a modern substrate known as Duraclear. These activities comprise what I call 'the archive iceberg': they are activities that typically take place out of public sight. The sustainability of archives depends heavily on evolving approaches to conservation and the technologies of image production – both highly specialized fields.

*Ever Archive* contains only a small selection of many thousands of documents that comprise Obrist's archive of publications. Each module is designed to address the intertwining of documents and their histories: the people, events, and institutions that all played a role in bringing them into being. There is little closure with such displays, indeed, their goal is to demonstrate the impossibility of such closure. As Arlette Farge wrote in *The Allure of the Archives*, 'in the end there is no such thing as a simple story, or a settled story'. Instead there is a mass of fragments, details, and incidents, each publication being a moment in time that does not, for anyone, stay still.

## VISITAS PARA ESCOLAS TOURS FOR SCHOOLS

Sujeitas a marcação prévia, com uma antecedência mínima de 15 dias.

Para mais informações e marcações, contactar (2ª a 6ª feira, 10h-13h/14h30-17h)

Minimum two-week advance booking is required. For further information and booking, please contact (Monday to Friday, 10 a.m.–1 p.m. and 2.30–5.00 p.m.)

Cristina Lapa: ser.educativo@serralves.pt  
Tel. (linha direta/direct line): 22 615 65 00  
Tel: 22 615 65 46  
Fax: 22 615 65 33

Marcações online em Online booking at [www.serralves.pt](http://www.serralves.pt)

## LOJA SHOP

Uma referência nas áreas do design, onde pode adquirir também uma recordação da sua visita.

A leading retail outlet for the areas of design, where you can purchase a souvenir to remind you of your visit.

Todos os dias Everyday: 10h00-19h00

[loja.online@serralves.pt](mailto:loja.online@serralves.pt)  
[www.loja.serralves.pt](http://www.loja.serralves.pt)

## LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes da leitura.

The perfect place for all book lovers.

Ter Tue-Dom Sun-Fer Holidays: 10h00-19h00

Seg Mon - Encerrado Closed

## BAR

Onde pode fazer uma pausa acompanhada de um almoço rápido ou um lanche, logo após à visita às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take a break, with a quick lunch or snack, after visiting the exhibitions.

Todos os dias Everyday: 10h00-19h00

## RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself to be captivated by the environment associated with one of the most beautiful views over the Park.

Seg Mon - Sex Fri: 12h00-19h00

Sáb Sat-Dom Sun-Fer Holidays: 10h00-19h00

[restaurante.serralves@ibersol.pt](mailto:restaurante.serralves@ibersol.pt)

## CASA DE CHÁ TEAHOUSE

O local ideal para a sua pausa do ritmo citadino ou para o descanso de uma visita pelo Parque.

The ideal place to take a break from the bustling city or rest during a visit to the Park.

Seg Mon - Sex Fri: 12h00-18h00

Sáb Sat-Dom Sun-Fer Holiday: 11h00-19h00

### Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210  
4150-417 Porto – Portugal

[serralves@serralves.pt](mailto:serralves@serralves.pt)

Geral General line:  
(+ 351) 808 200 543  
(+ 351) 226 156 500

[www.serralves.pt](http://www.serralves.pt)

[f](https://www.facebook.com/fundacaoserralves) /fundacaoserralves

[t](https://twitter.com/serralves_twit) /serralves\_twit

[i](https://www.instagram.com/fundacao_serralves) /fundacao\_serralves

[y](https://www.youtube.com/channel/UCserralves) /serralves

Apoio institucional  
Institutional support



 **REPÚBLICA  
PORTUGUESA**  
CULTURA

Mecenas da Exposição  
Exhibition supported by



Mecenas Exclusivo do Museu  
Exclusive Sponsor of the Museum

